

Na Europa, teme-se que a proposta seja seguida

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

Paris — Mesmo não acreditando na eventual formação de um “cartel dos devedores”, os bancos europeus estão preocupados com a possível adoção da proposta brasileira de renegociação da dívida por outros países endividados, principalmente a Argentina, após a derrota do Partido Radical do presidente Raul Alfonsín que responsabiliza, em parte, “as receitas ridículas que o FMI tem imposto e que nada têm que ver com as necessidades do povo”.

Mas não são apenas as declarações de Alfonsín que preocupam certas áreas financeiras européias, mas também as do principal líder do Partido Justicialista, o grande vencedor do pleito de domingo, Antonio Cafiero, que definiu como “interessante” o conteúdo da iniciativa do ministro Bresser Pereira do Brasil, apesar dela ter sido rejeitada quase que unanimemente pela comunidade bancária internacional. Cita-se, por aqui, as declarações feitas pelo ministro da Fazenda do Brasil, ainda nos EUA, interessado em discutir o problema com seus colegas do México e Argentina.

Em Buenos Aires, confirma-se o interesse argentino de estudar uma posição comum com os brasileiros, ainda antes da reunião do FMI.

O problema é que já se começa a especular sobre o enfraquecimento da posição dos dois ministros da Fazenda, do Brasil e da Argentina. Bresser Pereira pela forma como foi rejeitada sua proposta de renegociação apresentada em Viena e a falta de apoio obtida junto aos bancos e ao próprio governo dos EUA. Já o ministro Juan Sourrouille, da Argentina, por motivo inverso, seus dias parecem contados, segundo acreditam certas áreas financeiras européias. Ele foi o principal articulador da ida da Argentina ao FMI, mas nem por isso a situação melhorou suficientemente para evitar a derrota eleitoral do governo que perdeu sua maioria absoluta no Parlamento. A deterioração da conjuntura internacional contribuiu para relançar a polêmica sobre a dívida do Terceiro Mundo.

Assim sendo, também por razões diferentes, Brasil e Argentina estão com a mesma disposição de denunciar as condições que os credores pretendem impor para renegociar suas respectivas dívidas externas.

Isso, entretanto, não será suficiente para que esses países articulem uma frente comum, mesmo porque ambos não resistiriam a um aceno, de última hora, de seus credores comerciais e públicos.